



## DESCANSA EM PAZ, HERÓI ADORMECIDO

O conto maravilhoso como veículo de sátira ao czarismo

Denise Regina de Sales<sup>♦</sup>

**RESUMO:** o escritor Mikhaïl Evgráfovitch Saltikóv-schedrin (1826-1889), um dos grandes satíricos da literatura russa, tem uma obra vasta e diversificada – contos, romances, crítica literária, poemas, peças de teatro... no final da década de 1860 e sobretudo nos anos 80, schedrin buscou na fonte das histórias maravilhosas do folclore russo inspiração para satirizar o absolutismo czarista e a apatia do povo que o reconhecia. o conto “O *bogatir*”, cujo título é o nome de uma classe de heróis extremamente fortes e corajosos, realizadores de prodígios, exemplifica bem essa fase do percurso literário do escritor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saltikov-schedrin, literatura russa, sátira, contos, czarismo

**ABSTRACT:** the writer Mikhail Evgrafovitch saltikov-schedrin (1826-1889), one of the great russian satirists, created a vast and diverse literary work – short stories, novels, literary criticism, poetry, plays... at the end of 1860’s and mainly in the 80’s, schedrin brought inspiration from the russian folklore stories to create satirist masterpieces against despotic czar regime and people apathy. the short story “*bogatir*”, whose title is the name of a class of heroes extremely brave and strong, who performed great feats, is a good example of this artistic period in saltikov-schedrin’s literary path.

**KEY WORDS:** saltikov-schedrin, russian literature, satire, short stories, czarism

Rússia, 1855. Fim do reinado do czar Nicolau I, mais conhecido no Ocidente pelo episódio dos “conspiradores” do grupo de Petrachevski, entre os quais se encontrava o escritor Fiódor Dostoiévski. Condenados à morte, eles foram levados ao patíbulo de enforcamento, mas, no último minuto, receberam a notícia de que o czar mudara a pena para degredo e prisão. Alexandre II sobe ao trono, e Saltikóv-Schedrin pode sair do degredo, na cidade de Viátka, para retomar as suas atividades literárias em revistas da capital. Constante crítico do despotismo dos czares, o escritor peleja interminavelmente com a censura. Reescreve textos proibidos, rebaixa a condição social dos personagens, inventa subterfúgios... No final da década de 1860 e, sobretudo,

---

<sup>♦</sup> Doutoranda do programa de Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da FFLCH (USP). [denise.sales@uol.com.br](mailto:denise.sales@uol.com.br)



nos anos 80, utiliza o arcabouço dos contos maravilhosos, histórias tradicionais do folclore russo, para veicular idéias liberais contra o absolutismo.

Em 32 contos, mais tarde publicados em um volume de suas *Obras reunidas* (SALTIKÓV-SCHEDRIN, 1965), o escritor denuncia a situação da burocracia czarista, critica a relação aristocracia-campesinato, abre guerra contra a servidão. Com raízes no humor e na sátira de Nicolau Gógol, Schedrin adota uma galeria de personagens fantásticos e animais fabulosos e parodia o arcabouço da narrativa folclórica, com frases e expressões consagradas pelo uso popular.

No conto “O *bogatir*”, o título é o nome do personagem principal – um herói de caráter mágico, conhecido por sua bravura e força. No conjunto dos personagens folclóricos, os *bogatir* trazem os traços *forte/fraco*, “paralelos, em certo sentido, à sabedoria/estupidez, determinando não uma característica espiritual, mas a força física” (NOVIK, 2001). Ao ler o título, já antecipamos, portanto, a realização de algum grande feito, a exemplo dos enredos das narrativas tradicionais. Se, por exemplo, um dragão guarda a entrada de um reino distante e um *bogatir* está presente, então só este terá forças suficientes para vencer o dragão. O obstáculo à felicidade ou ao final feliz é vencido pela força.

A abertura do conto é feita pela fórmula “em um reino distante”, mais um fator de ligação com a narrativa maravilhosa. Mas, logo em seguida, o *bogatir* é parido, alimentado, criado e tratado pela *baba-iagá*, um personagem mais complexo. Senhora das matas e das florestas, velha dotada de poderes mágicos, bruxa e feiticeira, ela pode adquirir características positivas ou negativas. “Baba-iagá funciona como antagonista em certos contos, apresentando-se como uma das variantes do *demônio da floresta*, mas presta ajuda nos contos do tipo “Vá não sei pra onde”, encontrando-se em relações de parentesco com o herói-genro” (NOVIK, 2001). A combinação de elementos conhecidos e canonizados com aspectos inusitados e, por isso, “suspeitos” gera inquietação no leitor, que começa a enxergar no conto indicações do seu teor satírico.

De acordo com o relato tradicional, o *bogatyr* deveria sair e realizar façanhas extraordinárias. Este, porém, sai, arranca carvalhos ao acaso, depois se mete no oco de uma árvore e dorme. De novo um elemento tradicional é reestruturado satiricamente. Não se espere do sono a função de morte temporária, como no conto maravilhoso. Se ali, “a condição de sono, assim como a de morte, surge em resultado da aplicação de operadores especiais (*poção do sono, alfinete, maçã enfeitiçada*), ou é causada pelo *gato que nina* ou por *instrumentos musicais mágicos*” (NOVIK, 2001), aqui o sono nasce da simples falta do que fazer – “o *Bogatir* meteu-se naquele oco e pegou no sono”. Ironicamente,



no final do conto, é Ivan, o bobo, também personagem do conto maravilhoso, quem descobre a razão do sono milenar do *bogatir*.

Segundo as notas da edição de *Obras reunidas* (SALTIKÓV-SCHEDRIN, 1965), no início, na figura do *Bogatir* adormecido, Saltykov tencionava representar o povo, em pleno estado de passividade. Porém, na redação final, o *Bogatir* com o tronco devorado por víboras é a monarquia, o poder absoluto. Nesse caso, à palavra “*bogatir*”, em contraposição ao seu significado popular-esópico, o escritor conferiu um sentido irônico, graças à negação do preceito secular que atribuía ao monarca uma força poderosa e bravura para defender os mais fracos. Para Schedrin, a apatia do povo conjugava-se ao despotismo dos czares, gerando os males da sociedade russa do século XIX.

### O *bogatir*

Lá em um reino distante nasceu um *Bogatir* – homem extraordinário, dotado de muita força. *Baba-Iagá*, feiticeira e senhora dos bosques, o pariu, alimentou, criou, tratou e, quando ele tornou-se um varapau enorme, ela buscou para si a tranquilidade de uma ermida e mandou o herói procurar o seu rumo na vida: “Vai, *Bogatir* – realiza grandes feitos!”

Naturalmente, à toda sobre seu cavalo, o *Bogatir* topou primeiro com um bosque; olhou e à sua frente viu um carvalho – arrancou-o com raiz e tudo; olhou e viu outro carvalho – quebrou-o ao meio aos murros; olhou de novo, um terceiro, e nele um oco – o *Bogatir* meteu-se naquele oco e pegou no sono.

Por causa da altura do som dos rancos do *Bogatir*, a verde mãe floresta pôs-se a gemer; os animais ferozes fugiram correndo, as aves emplumadas voaram para longe; o próprio Liéchi, o espírito da floresta, levou tanto susto que juntou em uma só braçada a Liécha e os Liechinhos e – sumiu no mundo.

A fama do *Bogatir* espalhou-se por toda a terra. E os seus e os outros, e os amigos e os inimigos não se cansavam de admirá-lo: os seus o temiam, *é claro*, pois se não o temessem, como é que viveriam? E, acima de tudo, havia também uma esperança: o *Bogatir* enfiara-se no oco justamente para acumular mais forças durante o sono: “Eis que o nosso *Bogatir* acordará e nos fará gloriosos diante de todo o mundo”. Os estranhos, por sua vez, acautelavam-se: “Ouçam só o gemido que vai pela terra – com certeza, na terra “deles” nasceu um *Bogatir*! Tomara que ele não venha atrás de nós quando acordar!”



E todos andavam à volta na pontinha dos pés e repetiam em sussurros: “Dorme, *Bogatir*, dorme!”

E assim se passaram cem anos, depois duzentos, trezentos... e, de repente, um milênio inteiro. O caracol andou-andou e afinal chegou. A mejendra prometeu-prometeu que ia acender o mar, mas na verdade não acendeu nada. Cozinharam-cozinharam o mujique até que ele apurou: olé, mujique! Acabaram com tudo, de tudo deram cabo, limparam até os amigos – foi o fim! Mas o *Bogatir* continuava dormindo; do oco apenas olhava diretamente para o sol, com olhos que não vêem, e soltava roncos, um atrás do outro, que rolavam até cem verstas de distância.

Os seus inimigos ficaram ali espiando por um tempão, ficaram ali pensando por um tempão: “Poderoso deve ser o país, em que temem um *Bogatir* apenas porque ele dorme no oco de uma árvore!”

No entanto, aos pouquinhos, começaram a dar tratos à bola; puseram-se a lembrar as muitas vezes em que desgraças terríveis tinham se abatido sobre aquele país, e nem uma vez o *Bogatir* viera em socorro do povo. Em certo ano a própria gentalha inventara de brigar entre si, na maior selvageria, e assim arruinaram muitas pessoas à toa. Então os velhos se afligiam, com amargura; e ainda amargurados chamavam: “Venha, *Bogatir*, venha julgar esse nosso tempo difícil”. Mas ele, em vez disso, continuava a dormir no oco. Em certo ano todos os campos foram esturricados pelo sol e devastados pelo granizo; então pensaram: “agora o *Bogatir* vem alimentar as pessoas simples”, mas ele, em vez disso, continuou dentro do oco. Em certo ano cidades e povoados arderam no fogo, não sobrou para o povo nem um teto, nem um trapo, nem um alimento sequer; então pensaram: “Agora o *Bogatir* vem cuidar das necessidades do povo dessa terra” – mas ele, ainda aqui, continuou dormindo no oco.

Numa palavra, durante um milênio, aquele país sofreu todos os tipos de moléstia, e nem uma única vez o *Bogatir* apurou o ouvido ou voltou os olhos para saber porque ouviam-se lamentos pelos quatro cantos da terra.

Mas que *Bogatir* era esse?

O país era sofrido, mas muito paciente, e tinha uma fé imensa e inabalável. Chorava e confiava; suspirava e confiava. Acreditava que, quando a fonte de lágrimas e suspiros se esgotasse, então o *Bogatir* acharia um tempinho e viria salvá-lo. Pois o momento chegou, mas não o que a população esperava. Levantaram-se os seus inimigos e tomaram o país no qual o *Bogatir* dormia no oco. E todos partiram para cima do *Bogatir*. Primeiro um aproximou-se do oco com



muito cuidado – sentiu um fedor; então outro aproximou-se – também sentiu um fedor. “Esse *Bogatir* está é podre!” – manifestaram-se os inimigos e precipitaram-se sobre o país.

Os inimigos foram cruéis e implacáveis. Queimaram e derrubaram tudo o que estava à sua frente, vingando-se pelo ridículo terror de séculos que o *Bogatir* lhes infundira. O povo pôs-se a correr de um lado para o outro, vendo o tempo difícil e penoso, lançou-se ao encontro do inimigo – mas viram que não tinham nada com que enfrentá-los. Lembraram-se então do *Bogatir* e numa só voz puseram-se a esgoelar: “Acode, *Bogatir*, acode!”

Então aconteceu um milagre: o *Bogatir* nem se mexeu. Como há mil anos, a cabeça dele, imóvel, olhava diretamente para o sol, com olhos que não viam, mas já não soltava aqueles roncões poderosos, que outrora haviam feito tremer a mãe floresta.

Então do *Bogatir* aproximou-se Ivan, o bobo, e, depois de quebrar o oco com um murro – espiou lá dentro: Oh! Víboras tinham devorado o tronco do *Bogatir* inteirinho, até o pescoço.

Dorme, *Bogatir*, dorme!

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SALTYKOV-SCHEDRIN, Mikhaíl Evgráfovitch. *Obras reunidas em 20 volumes*. Khudojestvennaia Literatura, Moscou, 1965.

NOVIK, Elena. “O sistema dos personagens do conto de magia russo”. IN: *A estrutura do conto de magia*. Moscou, 2001. [Tradução para o português no prelo.]